



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VI - N.º 60

Arcanjo da Estação Verão: Uriel

Março 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Como atua a mente superior na força curativa

“Quem me crê fará também as obras que eu faço, e maiores fará que essas.” (João, 14; v 12)

O Mestre:

Se reconheceste, ó peregrino cheio de graça, a força criadora da mente, convencer-te-ás de que não há desejo sublime, nem ideal divino, que não se possa alcançar com a força do espírito.

A evolução outra coisa não é que o alargamento da consciência e da espiritualidade. Viajar da inconsciência à onisciência, da vasalagem atingir o senhorio e da humanidade subir a divindade, eis o escopo do ser humano!

Só pela espiritualização pode o homem progredir nesse rumo.

Só com a luz do espírito logrará ele, no domínio dos Eônes, erguer-se até Deus!

Sabe agora, ó peregrino safo da dúvida, que a mente superior, fonte das forças divinas, está sempre disposta a jorrar seus raios ao teu corpo físico.

Está nas mãos do homem abrir passagem e servir-se da força curativa da sua mente superior!

Por isso, eleva-te ao teu eu superior! Deixa vibrarem, através dele, as cordas do corpo, de

modo que seu tom se harmonize com as vibrações do todo. Então seu timbre ficará puro e claro, assim como unísono com a grande harpa do todo. E, então, envolver-te-á uma esplêndida aura de um fúlgido cor-de-rosa e a força vital do sol defluirá por ti.

Qual o sol, sempre no céu, de dia, a quem só as nuvens, a neblina e os edifícios humanos vedam projetar raios em todos os cantos das nossas casas, tal a mente superior, sol interno do homem, está sempre pronto para iluminar o corpo, seu campo de revelação.

Só a poeira e o fumo dos impulsos, anseios, desejos e pensamentos inferiores, quais névoa, impedem que penetrem os seus raios curativos por todas as porções do nosso corpo e as vivifiquem e lhes dêem saúde.

Convence-te, ó peregrino esforçado da verdade, de que a força curativa da mente superior não te pode redimir só dos pecados cometidos, mas também apta se acha a renovar tua vida e conferir-te ótima saúde e juventude íntima.

Não te esqueças que a tua mente superior é um criador em ponto pequeno e que o teu organismo representa um sistema solar cujo sol é a tua mente superior. Os sete centros de força do teu corpo etéreo constituem seus planetas.

Como a mente superior é o depósito das forças divinas, concentram-se as correntes vitais emanadas do sol, qual fluido (Prana), primeiro na mente superior e desta derivam para os nossos corpos mental, astral, etéreo e físico, e assim nos dão essa energia chamada

de força vital.

Esse fluido vital transfui no corpo etéreo, como invisível aos olhos físicos e que envolve, qual película de ovo, nosso corpo, e logo penetra em nosso organismo.

Cada ser tem sua vibração própria ou unidade vibratória, com o seu tom próprio e sua cor própria. Isso quer dizer que os átomos que formam suas células teem uma determinada velocidade e uma curva rotatória certa. Quem achou o seu tom e a sua cor e os pôs em uníssono com a harmonia cósmica completou o ciclo do seu destino e alcançou a própria imortalidade.

Essa velocidade atômica acha-se em correspondência com a palpação cardíaca e a respiração do ser.

Enquanto essa unidade vibratória e a sua harmonia com a pulsação cardíaca e a respiração não se perturbam, mantém-se a criatura sã. Uma vez, porém, que se altere a frequência vibratória ou se destrua a harmonia, sobrevem uma doença, porque a mente superior fica impedida de interpenetrar o organismo normalmente e mantê-lo são.

Restabelecer a harmonia destruída só o pode a mente superior. Só ela tem poder e capacidade de realizar isso. Sem seu auxílio, nenhuma cura é possível, como, sem o sol, incompreensível é vida na terra.

Como, entretanto, em geral, na vigente humanidade, a mente superior não se manifesta, nem livre está, devemos, para realizar essa cura, abrir primeiro a brecha para a sua atuação. Só se consegue isso com a purificação da mente inferior.

Os métodos de cura até hoje descobertos e usados pelos homens são apenas meios de veicular a força curativa da mente superior, pois só ela é o curador real!

Para possibilitar tal ação da mente superior foi dada ao homem uma força, a que abala montanhas, a força que Jesus possuiu e empregou, mas que está latente no coração de todo homem.

Essa força nada mais é que a crença viva na mente superior, o Cristo interno do homem.

Jesus realizou as maiores curas, porque antes de tudo, conheceu sua mente superior, o filho de Deus, habitante no homem! Ele despertou, pois no homem, essa fé, essa fé abriu caminho para a torrente de força curativa do espírito divino no organismo dos doentes. Por isso dizia ele aos curados que a sua fé os ajudará e curá-los-á.

Ele chamou aos discípulos, incapazes de curar, homens de pouca fé, e dizia que, se tivessem um grão de mostarda da fé, poderiam deslocar montanhas e fazer grandes milagres, quais ele fez. Ao mesmo tempo dizia-lhes: Mas, essa espécie de milagres só se expande com a prece e o jejum, quer dizer com a purificação da alma e do corpo! Porquanto, a prece limpa a alma e jejum o corpo para capacitarmos na captação e no transporte da força curativa da mente superior.

Essa cura podes tu também realizar se creeres em tua mente superior, o deus íntimo em ti. Pois Cristo, o curador e a cura, habitam em ti. Atua em ti e é o teu verdadeiro espírito divino e supremo.

Acredita, pois ó peregrino liberto, em tua mente superior, em tua força curativa. Essa fé será tua âncora salvadora e tua luz no caminho.

Vive, age e respira em teu sumo EU, o Espírito santo em ti. (Continuará)

Iranschahr- Gnose junho 1938

O Punhal Encantado

As armas rituais, denominadas "phurba", usadas geralmente pelos magos lamaicos, são feitas de bronze, madeira ou, mesmo de marfim, com o formato de punhal, sendo, muitas vezes, lindamente cinzeladas ou lavradas.

Um verdadeiro iniciado, nos segredos do Tibete, despreza, entretanto, o feiticeiro e suas práticas repugnantes. O poder da arma mágica, pensa ele, não depende da substância de que ela é feita mas lhe é comunicado pelo próprio mago. Com o tempo porém, uma certa porção dessa energia adere a "phurba". Essa energia

aumenta com o uso repetido da arma nos ritos mágicos. O objeto inerte torna-se então “possuído”, tal como poderia suceder a um ser animado.

Veremos num capítulo subsequente os processos empregados pelos “ngagspas” que esposam essa crença.

Por num lado, diz-se que certos objetos, que tenham servido nos ritos mágicos, não devem ser guardados em casa de leigos ou de monges não iniciados, pelo receio de que entidades perigosas, subjugadas por meio dos mesmos objetos possam usá-los para se vingar do possuidor, se este não souber como se proteger.

Devo a esta crença alguns objetos interessantes, cujos herdeiros me pediram que os carregasse para longe.

Um dia recebi um legado dessa natureza de modo tão estranho que vale a pena contar. Durante uma viagem no Norte do Tibete encontrei uma pequena caravana de lamas e, conversando com eles, como é costume nessas paragens onde os viajantes são raros, soube que estavam transportando uma “phurba” que se transformara em fonte de calamidades.

Esse instrumento ritualístico pertencera a um lama, mestre de meus interlocutores, falecido havia pouco tempo. A adaga começara a fazer mal no próprio mosteiro. Dois dos três monges que tinham tocado morreram e o terceiro quebrou uma perna numa queda de cavalo. Em seguida, o mastro que sustinha a bandeira de benção e que estava fincado no pátio do mosteiro, quebrou-se e isso é considerado um muito mau agouro.

Aterrorizados, mas não ousando destruir a “phurba” com receio de desgraça ainda maiores, os monges a encerraram numa caixa. Logo depois, estranhos sons começaram a ser ouvidos nessa caixa.

Decidiram eles, finalmente, colocar o malfazejo objeto numa caverna isolada consagrada a uma divindade, mas os vaqueiros residentes nessa região ameaça-

ram pegar em armas para impedir que isso fosse feito, rememorando a história de uma “phurba” que se movia no ar, ferindo e matando homens e animais em grande escala. Ninguém sabia onde nem quando essas maravilhas tinham ocorrido, mas detalhes dessa natureza são de pouca importância para os espíritos supersticiosos. Os vaqueiros não queriam que a “phurba” ficasse na sua vizinhança.

Os infelizes “trapas”, que carregavam a adaga encantada envolta em papéis com encantamentos inscritos e selada numa caixinha, não sabiam como se livrar dela. Suas feições abatidas não me deixaram rir de sua crença. Eu estava também curiosa para ver a arma maravilhosa.

“Deixem-me ver a “phurba”, disse eu, Talvez possa encontrar um meio de os ajudar. “

Eles não ousaram tirá-la da caixa mas, depois de longas conversações, permitiram que eu mesma o fizesse.

A “phurba” era uma linda peça de arte tibetana antiga e eu me senti preza de desejo de possuí-la. Sabia, porém, que os “trapas” não a venderiam por dinheiro algum.

“Fiquem conosco estas noite”, disse-lhe eu, “deixem a “phurba” comigo. Vou pensar a respeito”.

Minhas palavras nada prometiam mas a atração de uma boa ceia e a de parolar com os meus homens fez com que os viajantes aceitassem o meu convite.

Ao cair da noite afastei-me a uma pequena distância do acampamento levando ostensivamente o punhal que, fora da caixa, teria causado terror aos tibetanos se eu o tivesse deixado com eles.

Quando achei estar bastante distanciada, enterrei no chão a arma encantada e me sentei numa coberta para imaginar um meio de persuadir os monges a me cedarem o punhal.

Assim fiquei durante várias horas, quando me pareceu ver a forma de um lama

surgir perto do lugar onde eu plantara, a “phurba”. Ele caminhava para frente, inclinando-se cautelosamente. Estava com a toga na qual o seu corpo um pouco indistinto estava envolto, uma mão saiu vagarosamente e se adiantou para apanhar a adaga mágica.

De um salto pus-me de pé e, mais rápida que o ladrão, agarrei-a eu.

Então, não fora eu a única pessoa tentada pelo punhal! Este homem, menos supersticioso que seus companheiros, tinha reconhecido o valor da “phurba” e sem dúvida e esperava vendê-la secretamente. Pensou, talvez, que eu estivesse dormindo e que nada perceberia. No dia seguinte o desaparecimento da adaga encantada seria atribuído a alguma nova intervenção oculta e mais uma história teria curso entre os fiéis. Pena foi que um plano tão bem arquitetado não tivesse sido coroado de sucesso... Ficara, porém comigo a arma encantada; eu a segurava mesmo, tão firmemente, que meus nervos, excitados pela aventura ou pela pressão que sobre minha carne exercia o cabo de bronze lavrado, davam-me a impressão de que a adaga estivesse movendo fracamente em minha mão.

E agora ao ladrão!

Em torno de mim, estendia-se deserta a escura planície. Ele devia ter fugido enquanto eu me abaixara para arrancar o punhal do solo.

Corri para o acampamento. O culpado deveria ser quem tivesse chegado pouco antes ou quem voltasse logo depois de mim.

Encontrei todos acordados e recitando textos religiosos, implorando proteção contra os poderes malignos. Chamei Yongden a minha tenda.

“Qual os monges esteve ausente”. Perguntei-lhe.

“Nenhum”, respondeu. Então todos semimortos de medo. Nem mesmo coragem tiveram de se afastar conveniente-

mente do acampamento para satisfazer certas necessidades da natureza... Tive que ralar com eles por causa disso.”

Bem! Eu devo ter estado “vendo coisas”, mas talvez isso me tenha sido vantajoso.

Ouçam, disse eu aos “trapas”, “foi isso o que aconteceu”. E lhes falei, com todo franqueza, da minha ilusão e das dúvidas que havia mantido a respeito de sua honestidade.

“Foi, sem a menor dúvida, o nosso Grande Lama”, exclamaram eles. “Ele desejava recuperar sua “phurba” e talvez matasse a Senhora, se conseguisse reavê-la. Ó! Jetsunma, a Senhora é uma verdadeira gomchenma, embora alguns lhe chamem “philing” (estrangeira). Nosso lama “sawai” (pai espiritual) era um mago poderoso e, no entanto, não pode tomar da Senhora a sua “Phurba”. Guarde agora, guarde-a e ela não fará mal a ninguém mais,

Falavam todos ao mesmo tempo, excitados e aterrorizados com o pensamento de que o seu mestre, mais temível agora do que nunca, por pertencer a um outro mundo, tinha passado tão perto deles, e ao mesmo tempo, satisfatoriamente por se verem livres da adaga encantada.

Compartilhei de sua alegria, mas por uma razão diferente: a “phurba” era minha. Era apenas honesto, porém, não me aproveitei do seu confuso estado de espírito.

“Pensem bem”, disse. “Pode ser que alguma sombra me tenha iludido. Talvez eu tenha adormecido enquanto estive lá e tudo não passe de um sonho”.

Eles não quiseram saber disso. O lama tinha vindo, eu o vira e ele não pode levar a “phurba”; assim. Por meu poder superior, tornei-me legítima dona do objeto.

Confesso que me deixei facilmente vencer ...

Alexandra Neel – Gnose Junho 1938